Revista Poíesis Pedagógica

Revista Poíesis Pedagógica ISSN 2178-4442
Universidade Federal de Catalão (UFCAT)
Janeiro/Dezembro, 2026 – Volume 24
e2026008, Páginas 1–15
10.69532/2178-4442.v24.74954

Fluxo Contínuo – Artigo

A presença indígena em Pesqueira/PE: formação docente a partir da Lei nº 11.645/2008 e Parecer CNE 14/2015

The indigenous presence in Pesqueira/PE: teacher training based on Law nº. 11,645/2008 and CNE Opinion 14/2015

La presencia indígena en Pesqueira/PE: formación docente a partir de la Ley nº. 11.645/2008 y del Dictamen 14/2015 del CNE

Rosani Maciel Calado[1] e Edson Hely Silva[2]

Resumo

Não há formação docente para o trato com os integrantes do "Bairro Xucurus", bem como valorização do trabalho produzido pelos indígenas na agroindústria no final do século XIX a meados do século XX. Nesse contexto, são urgentes demandas formativas para intervir junto a professores/as atuantes nas redes públicas de ensino em Pesqueira-PE com complementação de carga horária no Ensino de Artes, Ensino Religioso e Ensino de Inglês, com o objetivo de discutir a história dos moradores no "Bairro Xucurus". Trata-se de uma pesquisa que se apoia em relatos de memórias dos moradores indígenas para evidenciar a importância deles nas discussões com professores da Educação Básica da rede pública a partir da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, em Pesqueira/PE e do Parecer CNE 14/2015. Os resultados da pesquisa evidenciam que os Xukuru do Ororubá ainda são invisibilizados, e a formação docente se torna essencial para mudar essa realidade.

Palavras-chave: "Bairro Xucurus". Formação docente. Valorização do trabalho indígena.

Abstract

There is no teacher training to deal with the members of the "Xucurus Neighborhood", nor is there any appreciation for the work produced by the indigenous people in the agroindustry from the end of the 19th century to the middle of the 20th century. In this context, there are urgent demands for training to intervene with teachers working in the public school systems in Pesqueira-PE, with additional workload in Arts Education, Religious Education and English Education, with the aim of discussing the history of the residents of the "Xucurus Neighborhood". This is a research that is based on reports of memories of the indigenous residents to highlight their importance in discussions with teachers of Basic Education in the public school system based on Law nº. 11,645, of March 10, 2008, in Pesqueira/PE and Opinion CNE 14/2015. The results of the research show that the Xukuru of Ororubá are still invisible, and teacher training becomes essential to change this reality.

Keywords: "Xucurus Neighborhood". Teacher training. Valorization of indigenous work.

Resumen

No existe formación de profesores para tratar con los integrantes del "Bairro Xucurus", ni tampoco se valoriza el trabajo producido por los indígenas en la agroindustria a finales del siglo XIX y mediados del siglo XX. En este contexto, existen demandas urgentes de formación para intervenir con profesores actuantes en redes públicas de educación en Pesqueira-PE con carga horaria suplementaria en Educación Artística, Educación Religiosa y Educación Inglesa, con el objetivo de discutir la historia de los habitantes del "Barrio Xucurus". Se trata de una investigación que se basa en relatos de memorias de pobladores indígenas para destacar su importancia en las discusiones con profesores de Educación Básica en la red pública con base en la Ley nº 11.645, de 10 de marzo de 2008, en Pesqueira/PE y Parecer CNE 14/2015. Los resultados de la investigación muestran que los Xukuru de Ororubá aún son invisibles y la formación docente es fundamental para cambiar esta realidad.

Palabras clave: "Barrio Xucurus". Formación de profesores. Valorización del trabajo indígena.

[1]Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: rosani.calado@ufrpe.br
[2]Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: edsonsilva@capufpe.com

OPEN ACCESS

1. INTRODUÇÃO

Segundo o Dicionário Aurélio (2011), o significado da palavra "volta" é o ato de "voltar, movimento que completa um percurso fechado, as voltas da estrada". Por isso, o tema do artigo foi inspirados nas voltas no Bairro "Xucurus" e a histórica presença indígena em Pesqueira/PE, discutindo a formação de docentes de Língua Portuguesa no ensino público Municipal a partir da Lei nº 11.645/2008 e o Parecer CNE 14/2015, provocando docentes de Língua Portuguesa com complementação de aulas no Ensino de Artes, Ensino Religioso e o Ensino de Inglês na Educação Básica, para com estudantes, a fazer "a viagem da volta" (Oliveira, 2004) com discussões sobre a presença indígena no "Bairro Xucurus" na contemporaneidade, sendo válido ressaltar que, sobretudo, os percursos de voltas sobre o citado bairro para o ensino continuam fechados na rede pública na Educação Básica em Pesqueira/PE.

É importante para docentes e discentes realizar a "viagem da volta" (Oliveira, 2004) para refletir as ruas do "Bairro Xucurus" em que residem os/as indígenas, bem como os meios sobre os quais a presença originária resiste a mais de um século na zona urbana, como também apresentar ao público docentes produções acadêmicas de pesquisadores, como Edson Silva (2017), Maria da Penha Silva (2017), Kelly Emanuelly Oliveira (2013) John Manuel Monteiro (1999), Vânia Fialho (2008), Mariana Dantas (2015) entre outros, com importantes reflexões para professores e estudantes na Educação Básica. Mas, isso só será possível por meio de formações docentes.

Pensando que a partir da premissa de formações de professores/as emergir questionamentos: 1- Quais projetos de formação continuada tem o Brasil sobre os povos indígenas? 2 - Ao pensar na diversidade de oferta de cursos de formação inicial e continuada, em que condições formativas discentes se constituem professores? 3 - Os docentes na cidade de Pesqueira acessam os conhecimentos científicos, culturais e políticos construídos historicamente pela humanidade, especialmente intelectuais indígenas? (Troquez; Silva; Militão, 2022) para as ações pedagógicas no ensinar e aprender.

Antes de ser afastada para cursar o mestrado e do doutorado, recordo de trabalhos pedagógicos realizados na Educação Básica uma semana antes do dia 19 do mês de abril, de maneira romantizada e folclórica em escolas na rede pública. Inúmeras vezes me perguntei: 1- Cadê os povos indígenas Xukuru do Ororubá narrando as histórias de mobilização por direitos nas escolas? 2 – Quais as narrativas sobre o povo Xukuru do Ororubá, habitando no Bairro "Xucurus" em Pesqueira? 3 - As lideranças do povo Xukuru do Ororubá realizam palestras sobre os originários no Bairro "Xucurus"? 4 - Os professores indígenas falam da Arte Xukuru do Ororubá? 5 - Os docentes indígenas falam da cosmologia Xukuru do Ororubá? 6 - Os professores/as indígenas falam da Língua Xukuru do Ororubá? 7 - Os indígenas habitantes no Bairro "Xucurus" narram sobre a migração para o contexto urbano e o porquê das migrações? 8 - As lideranças Xukuru do Ororubá discorrem sobre o dia 19 de abril, o dia 7 de fevereiro - Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas; o Dia 5 de setembro - Dia da Mulher Indígena; o Dia 9 de agosto - Dia Internacional dos Povos Indígenas? A cada ano, como estudante na pós-graduação, compreendo a importância para o ambiente escolar para os debates (Costa-Maciel, 2025) sobre os indígenas habitando no Bairro "Xucurus" para o ensino público.

É importante tratar dos originários habitando em Pesqueira para promover diálogos (Costa-Maciel, 2025) entre a história urbana e a história dos indígenas no processo de expansão da cidade. Sobretudo, o processo de migração dos Xukuru do Ororubá ocorrido com as terras invadidas pelo grupo agroindustrial no final do século XIX até meados do século XX (Garcia, 2022). Os indígenas foram obrigados a habitar espaços periféricos e, em condições precárias trabalharam décadas na agroindústria em Pesqueira, como na Fábrica Peixe (Indústria Carlos de Brito) (Silva, 2017) e nas fábricas Rosa, Maravilha, Recreio, Camponesa (Galindo, 2007), entre outras.

O artigo surge a partir de inquietações, por ser uma mulher indígena Xukuru do Ororubá e professora efetiva na Educação Básica identificando a ausência de reflexões sobre o povo Xukuru do Ororubá, habitando no Bairro "Xucurus", observando docentes na rede pública, lecionando Artes, Ensino Religioso, Ensino de Inglês e o Ensino de Língua Portuguesa como professores com complementação de carga horária nos citados componentes curriculares. Por isso, nossas indagações para os docentes fazerem "a viagem da volta" (Oliveira, 2004) sobre o Bairro "Xucurus" e debaterem com discentes sobre a história de migração, trabalho na agroindústria, organização e ações sociopolíticas, religião, e rituais dos indígenas Xukuru do Ororubá em Pesqueira/PE.

Pensamos ser importante discutir a história dos habitantes no Bairro "Xucurus" para incluir no ensino da rede pública relatos identificados por meio de entrevistas sobre as memórias indígenas na história da cidade. O tema do artigo está baseado em relatos "orais" de idosos habitantes no "Bairro Xucurus", ex-operários na agroindústria de Pesqueira, entre outros trabalhos realizados pelos originários na cidade. Contudo, ouvindo os parentes consanguíneos e não consanguíneos indígenas da Serra do Ororubá, somos provocados a pensar sobre a presença dos indígenas na história do Bairro "Xucurus" no passado e no presente.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com indígenas Xukuru do Ororubá habitando na zona urbana. A urgência em realizar esses encontros surgiu da preocupação de que alguns desses anciãos e anciãs pudessem realizar a passagem de Encantamento antes que suas memórias fossem registradas. Nesse sentido, iniciamos o trabalho de campo com o apoio de minha mãe, que conhece os(as) indígenas mais velhos(as), com idades entre 75 e 90 anos, residentes na zona urbana de Pesqueira.

As entrevistas possibilitaram compreender as motivações das migrações, o cotidiano das famílias, o trabalho na agroindústria, os processos de expulsão dos territórios ancestrais, a formação do Bairro "Xucurus", entre outros aspectos relacionados à trajetória histórica do povo Xukuru do Ororubá. O conjunto desses relatos possibilitou informações consistentes para a elaboração deste artigo e evidencia a relevância da história oral como fonte para a produção do conhecimento sobre as memórias e a resistência indígena.

Além de contribuir para a valorização da memória coletiva do povo Xukuru do Ororubá, os resultados da pesquisa constituem subsídios para o trabalho pedagógico de professores de Língua Portuguesa com complementação de carga horária, podendo ser articulados de forma interdisciplinar com os componentes curriculares de Arte, Língua Inglesa, Ensino Religioso, História e Geografia, em consonância com a Lei nº 11.645/2008 e o Parecer CNE 14/2015, que torna obrigatório o ensino da história e culturas afro-brasileira e indígenas na Educação Básica.

As entrevistas foram realizadas com originários com o período de duração de 40m e 1h a partir deum questionário com 33 perguntas. Depois de realizadas fizemos as transcrições pelo *turboScribe*, um programa de computador. Cada entrevista apresentando entre 15 a 25 páginas e em algumas foram necessários voltar aos áudios para entender algumas palavras no meio de frases e parágrafos nas respostas, gravadas com aparelhos de celular. Nas entrevistas os nativos Xukuru do Ororubá fizeram a "viagem da volta" (Oliveira, 2004) às memorias do passado, essas ausentes no ensino e aprendizagem da rede pública de Pesqueira

Neste artigo, portando, apresentamos relatos orais socializados de geração em geração, abrangendo histórias de vida, processos de migração para a zona urbana e experiências vivenciadas pelos indígenas Xukuru do Ororubá. Essas narrativas constituíram importantes fontes para a construção desta escrita, possibilitando compreender aspectos das memória coletivas e a trajetória histórica do povo Xukuru do Ororubá. As narrativas indígenas expressam experiências individuais e coletivas, bem como as formas de interação com a comunidade no Bairro "Xucurus". Inseridas em um contexto sociocultural específico no

município de Pesqueira, que revelam processos de resistência, pertencimento e afirmação preservação da identidade indígena, contribuindo para a valorização de conhecimentos historicamente invisibilizados.

O *lócus* da pesquisa para o artigo foi o Bairro "Xucurus", localizado ao sopé da Serra do Ororubá, ou seja, bairro vizinho ao território indígena em Pesqueira, um importante local para realização da pesquisa. Portanto, buscamos ouvir relatos dos originários sobre os motivos de deslocamentos para a cidade, tempo de trabalho na agroindústria, as mudanças do Bairro, as principais mobilizações indígenas, se fizeram ou fazem parte de qual aldeia no território indígena e, ainda, se participaram nas retomadas da terras invadidas pelos fazendeiros, com a liderança de "Xicão", o Cacique do povo Xukuru do Ororubá, assassinado em 20 de maio de 1998 a mando dos latifundiários. Se também, participação nas retomadas com o Cacique Marcos, também o atual Prefeito na cidade de Pesqueira/PE, e Zenilda viúva do Cacique "Xicão", liderança do povo Xukuru do Ororubá, em importantes informações e narrativas para debates na sala de aula.

Desejamos ressaltar a importância das narrativas dos indígenas, que habitam o "Bairro Xucurus", uma vez que, muitas memórias dos parentes são socializadas através das gerações por meio da "oralidade" (Costa-Maciel, 2025). Por isso, consideramos importante evidenciar as narrativas do povo Xukuru do Ororubá para o reconhecimento dos protagonismos dos indígenas em Pesqueira em escolas na rede pública através dos professores que atuam com complementação de carga horária nos Anos Iniciais e Anos Finais na Educação Básica. Nessa perspectiva ficando evidente que é necessário ocorrerem mudanças no ensinar e aprender para superar o pensar os indígenas para além de datas comemorativas, como a exemplo o dia "19 de abril", valorizando as narrativas do povo indígena habitante em Pesqueira e Poção/PE, entre outros olhares sensíveis para a história local do Bairro "Xucurus", assim como, os indígenas na História do Brasil.

A presença do meu povo indígena Xukuru do Ororubá na cidade de Pesqueira/PE contribui para desconstruir o racismo, estereótipos e preconceitos no ensino e aprendizagem. É válido lembrar que, infelizmente, atividades pedagógicas ainda são realizadas de maneira folclorizadas no dia 19 de abril na ausência de políticas públicas formativas para professores na rede pública. Assim, o presente artigo, com base na Lei nº 11.645/2008 e o Parecer CNE 14/2015, vem provocar a urgência de "olhares para a formação docente de uma forma crítica" (Maciel; Chaguri, 2024, p. 10) de docentes no exercício da docência sobre o Bairro "Xucurus" na Educação Básica publica em Pesqueira e Poção/PE.

2. DESENVOLVIMENTO

O texto objetiva convidar docentes de Língua Portuguesa com complementação de carga horária nos Anos Iniciais e Anos Finais a fazer "a viagem da volta" (Oliveira, 2004) por caminhos, curvas, ladeiras e subidas, esquinas e becos do Bairro "Xucurus" em Pesqueira/PE sobre os indígenas Xukuru do Ororubá naquele bairro. São reflexões partindo da premissa de que as expulsões dos indígenas ocorreram para "exploração de propriedade" (Marx, 2011, p. 26) na Serra do Ororubá, e que motivam o "debate sobre as fazendas de gado que invadiram a Serra do Ororubá, expulsando seus antigos moradores" (Silva, 2017, p. 203) originários. No âmbito educacional, especificamente, é necessário que as narrativas sejam discutidas nas formações docentes, porque "podemos sentir, [...] as faces obscuras de um público" (Thompson, 1981, p.13) indígena com as narrativas invisibilizadas, mas "com expectativas" (Thompson, 1981, p. 13) de serem discutidas a partir do contexto, sociocultural, político, religioso, tecnológico e educacional, como afirmou um entrevistado.

> Ah, minha filha, era uma quantidade enorme, mais de mil e quatrocentas caixas por ano de cada aldeia. Nas terças e sextas-feiras, os caminhões subiam a Serra do Ororubá para pegar a goiaba diretamente das aldeias para produção. Muitos saíram das terras porque não tinham mais como viver, né? Além de as fruteiras, que eram o sustento da gente, terem acabado, também nós não recebíamos

> mais terras para trabalhar. Então, foi isso que aconteceu (José Evaristo Alves Filho, indígena Xukuru do Ororubá, aldeia Santa Maria)

O indígena Xukuru do Ororubá com origens na Aldeia Brejinho relatou a quantidade de goiabas retiradas da Serra do Ororubá e os dias da semana em que ocorriam essas atividades. Além das goiabas, outras frutas também eram coletadas no território, como bananas, cajus e mangas, destinadas à produção de doces e sucos pela agroindústria instalada em Pesqueira.

Com o passar do tempo, a redução das áreas de cultivo e o esgotamento das fruteiras comprometeram as formas tradicionais de vida do povo originário na Serra do Ororubá. Exprimidos em pequenas glebas de terras (Silva, 2017), muitos indígenas foram obrigados a migrar para outros espaços, como a zona urbana de Pesqueira e diferentes cidades brasileiras. Esses processos históricos de deslocamento, exploração e resistência ainda permanecem sem reflexões nas práticas de ensino na rede pública de educação em Pesqueira. Além disso, destaca-se que parte dos docentes no passado possuía vínculos familiares e sociais com grupos compondo as elites locais, o que contribuiu para a permanência de determinadas narrativas equivocadas e silenciamentos sobre a história do povo Xukuru do Ororubá no contexto escolar em Pesqueira.

A formação docente (Maciel; Chaguri, 2024, p. 10), portanto, será uma importante aliada para professores realizarem "a viagem da volta" (Oliveira, 2004) junto a estudantes nas mobilizações contra a invisibilidade da presença indígena há mais de um século na cidade de Pesqueira e Poção/PE, pois "estamos interessados em fazer avançar a história e o entendimento" (Thompson, 1981, p. 181) na Educação Básica. Assim, compreendemos que as instituições públicas de ensino são espaços para reflexões críticas no ensino e aprendizagem, e não espaços reprodutores de dominação epistemológica dos sujeitos. Diante do apresentado, e observando as determinações da Lei nº 11.645/2008 e o Parecer CNE 14/2015, buscamos, desse modo, superar as negações e omissões na educação sobre os indígenas Xukuru do Ororubá no Bairro "Xucurus" no ensino e aprendizagem.

Portanto, "tudo começa com o gesto de separar, de reunir e de transformar realidades," (Certeau, 2007, p. 173). Por isso, consideramos as formações docentes cenários propícios de reflexão crítica sobre a presença indígena na cidade de Pesqueira e Poção/PE para professores/as de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental com complementação de carga horária no Ensino de Artes, Ensino Religioso e o Ensino de Inglês, como também, para os docentes nos Anos Finais. Desse modo, será possível despertar o interesse de estudantes para problematizar os efeitos de "uma situação em que o poder público, em todos os níveis, em nome do progresso, se posicionava ao lado dos fazendeiros e dos plantadores para a agroindústria em Pesqueira" (Silva, 2017, p. 204). Motivos para debates (Costa-Maciel, 2025) no âmbito educacional com os docentes, sendo possível pensar a promoção de formações de professores para o "debate sobre [...] a expropriação secular dos índios de suas terras" (Silva, 2017, p. 204) na Serra do Ororubá para residirem no Bairro "Xucurus", assim como, discutir a agroindústria em Pesqueira/PE, pois acreditamos ser importante entender as "narrativas sobre esses fatos, tanto "o que ocorreu" quanto "aquilo que se diz ter ocorrido". Nesse ínterim, cabendo destacar, ainda, que o primeiro significado enfatiza o processo sócio-histórico. E o segundo, nosso conhecimento desse processo ou "uma estória sobre esse processo" (Trouillot, 2016, p. 21), que terão novos olhares epistêmicos na Educação Básica.

O "Bairro Xucurus" precisa estar inserido na formação docente de professores lotados na Secretaria de Educação em Pesqueira/PE, para que possam refletir de maneira interdisciplinar sobre a história do povo Xukuru do Ororubá como destacado é colocado pelo Parecer CNE 14/2015, pois infelizmente.

> Algumas práticas pedagógicas e de gestão da Educação Básica restringem o tratamento da temática indígena às áreas de educação artística, literatura e história brasileira, a Lei em questão determina

> que a sua inserção se dê em todo o currículo escolar, devendo estar presente em todas as disciplinas, áreas do conhecimento ou outra forma de organização curricular de cada escola (Brasil, 2015, p. 4).

Todavia, é importante a temática indígena ser vivenciada na Educação Básica, para o exercício crítico da cidadania e afirmações dos direitos de sujeitos sociais, sendo imperativo para professores e estudantes, na travessia de aquisições epistemológicas, reafirmarem a identidade, tendo em vista a sociodiversidade. Acrescente-se que, no mesmo curso da travessia, ao mesmo tempo que se recriam identidades, proliferam diversidades, assim avançando com a educação crítica em Pesqueira.

Logo, ao discutir a temática indígena na Educação Básica em Pesqueira/PE, emerge um contexto histórico econômico agroindustrial com fortes influências no cenário socioeducacional: (1) O silenciamento sobre a expulsão dos indígenas que habitavam na Serra do Ororubá e migraram para a cidade, bem como a negação construída pela elite dominante vinculada à agroindústria por mais de um século, omitindo a presença indígena no ensinar e aprender sobre o "Bairro Xucurus"; (2) Uma suposta Educação neutra relacionada aos protagonismos indígenas Xukuru do Ororubá em Pesqueira/PE; (3) A falta de discussão sobre as origens da agroindústria na área urbana de Pesqueira; (4) As mobilizações do povo Xukuru do Ororubá por direitos, para pensar o ensino e aprendizagem em uma escola pública "democrática [...] disposta a aprender em suas relações com o contexto concreto" (Freire, 1993, p. 100) sobre o Bairro "Xucurus".

É salutar, sobretudo, que professores/as nos Anos Iniciais e Anos Finais com complementação de carga horária, por meio de leituras, compreensões de textos, produções textuais, pesquisas em obras de artes e discussões de imagens, dentre outras pesquisas, reflitam sobre as diferenças sociopolíticas no período da agroindústria e na atualidade, discutindo os indígenas no Bairro "Xucurus" na Educação Básica. Como também sobre a concentração de riquezas por uma elite minoritária, que, por décadas, obteve o controle do capital por meio de invasões de terras indígenas, obrigando os Xukuru do Ororubá a migrarem para bairros periféricos em Pesqueira e também outros estados brasileiros. Destaque-se que, para poder viver com a família, negavam a própria identidade indígena e tentaram conseguir trabalho na agroindústria, como a fábrica Peixe na cidade de Pesqueira/PE.

> Naquela época, as terras eram todas dos fazendeiros. Quem teria coragem de dizer que iria fazer um roçado nas terras deles? O interesse dos fazendeiros era plantar capim e palma para alimentar o gado. Mesmo assim, nós entrávamos pelas matas, seguindo os caminhos do mato, para buscar cipós e fazer balaios. Fazíamos isso escondidos, porque não tínhamos livre acesso a todos os lugares. Os fazendeiros não permitiam que entrássemos nas matas e, muitas vezes, precisávamos entrar escondidos, já que eles não queriam a nossa presença ali. Naquele tempo, eram os fazendeiros que dominavam tudo por aqui (José Maria Rodrigues dos Santos, indígena Xukuru do Ororubá, Bairro "Xucurus")

O originário com a família, migrou para o bairro "Xucurus", assim como ocorreu com inúmeras famílias indígenas, em decorrência das expulsões promovidas pelos fazendeiros. Estes, que durante décadas concentraram o poder político, econômico, tecnológico e religioso na conhecida "Cidade das Chaminés" (Galindo, 2007), também exerciam forte influência política dentro e fora do município de Pesqueira, buscando silenciar o povo indígena Xukuru do Ororubá.

Entretanto, apesar das constantes opressões, expulsões e assassinatos, os Encantados Guerreiros e Guerreiras permaneceram guiando o povo Xukuru do Ororubá na trajetória de resistência. Dentro e fora do estado de Pernambuco, as mobilizações em defesa dos direitos indígenas fortaleceram a organização coletiva e para visibilidade ao protagonismo do povo Xukuru da Serra do Ororubá.

No relato de José Maria Rodrigues dos Santos, assim como nas entrevistas de outros (as) indígenas, foi evidenciado que os habitantes no bairro "Xucurus" foram impedidos de acessar terras ancestrais. As expulsões promovidas pelos latifundiários invasores, que concentravam o poder político e econômico

na região, estiveram associadas à exploração da mão de obra indígena na agroindústria, especificamente durante os períodos sazonais das safras de goiaba e tomate provenientes da Serra do Ororubá (Silva, 2017). Apesar da relevância para a história local, essas experiências de expropriação, exploração e resistência permanecem, em grande medida, invisibilizadas nos processos de ensino e aprendizagem na rede pública de educação no município de Pesqueira.

Outros indígenas Xukuru do Ororubá migraram para diferentes estados brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Alagoas, em busca de oportunidades de trabalho. Muitos parentes, consanguíneos e não consanguíneos, não realizaram "a viagem da volta" (Oliveira, 2004), permanecendo distantes das famílias residentes no bairro "Xucurus" e na Serra do Ororubá. Esses deslocamentos são recorrentes nos relatos dos indígenas que atualmente habitam a zona urbana do município de Pesqueira, revelando as marcas da migração forçada, da busca por vida digna com afastamento do território ancestral.

A "viagem da volta", (Oliveira, 2004) portanto, me fez pensar o ser professor na Educação Básica no município de Pesqueira/PE, com formação nas licenciaturas de Letras e Pedagogia e ultrapassar fronteiras, dissolver e recriar discussões. Então, observo minha trajetória de formação docente de maneira inicial, continuada e colegas de profissão nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Exatas, em que as políticas educacionais, de modo específico a formação docente, "se mostraram fragmentárias, respondendo a pressões imediatistas, a alguns movimentos sociais emergentes e, particularmente, dos que tinham "voz ou alguma função de poder e influência em dado momento" (Gatti, 2019, p. 31). Apontamos, portanto, para uma prática de ensino e aprendizagem com equívocos e fragmentações nas informações sobre a histórica presença do povo Xukuru do Ororubá em Pesqueira/PE.

Não recordo de discussões sobre os deslocamentos dos indígenas para o Bairro "Xucurus" nas formações de professores das quais participei ou quando fui estudante na Educação Básica na antiga Escola Municipal João XXIII, bem como em outras instituições públicas do estado, das quais também fui estudante em Pesqueira/PE. Portanto, não fiz a "viagem de volta" na Educação Básica e nem no Ensino Superior. Segundo Fleuri (2006, p. 497), é preciso "indicar o conjunto de propostas educacionais que visam promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante processos democráticos e dialógicos". Logo, pensamos ser importante promover formações de professores a partir da Lei nº 11.645/2008 e o Parecer CNE 14/2015.

> A correta inclusão da temática da história e da cultura dos povos indígenas na Educação Básica tem, assim, importantes repercussões pedagógicas na formação de professores e na produção de materiais didáticos e pedagógicos, os quais devem atribuir os devidos valores à história e culturas dos povos indígenas para o efetivo reconhecimento da diversidade cultural e étnica da sociedade brasileira (Brasil, 2015, p. 2).

Interessa saber que a cidade de Pesqueira/PE outrora foi um dos "locais econômicos, culturais e sociais que estão inextrincavelmente atrelados às questões de poder e controle" (Giroux, 1997, p. 162), com a produção de bens e riquezas da oligarquia, a partir das quais resultaram as expulsões dos indígenas habitantes na Serra do Ororubá, que migraram para o Bairro "Xucurus". Nessa perspectiva, é necessário inserir a história indígena no ensino e aprendizagem, ampliada com narração, compreensão e interpretações interdisciplinares, que, por décadas, ocorreram de maneira insatisfatória na Educação Básica pública. Destacando, ainda, o modo de ensinar e aprender atemporal, desconsiderando a legislação determinando o ensino da história e culturas dos povos indígenas, com a ausência de formações docentes.

Segundo Demo (2006, p. 57) "[...] se pudéssemos inventar na escola gente que sabe pensar, ler, escrever, contar, poderíamos configurar a habilidade de confronto social imprescindível para mudanças profundas. Esta habilidade, porém, não é fruto mecânico" e sim fruto de inúmeras leituras, atividades,

exercícios, discussões e interpretações do contexto social, econômico, político, religioso e tecnológico relacionados e continuando ainda com a aristocracia do passado.

Com provocações por meio de inúmeras leituras, debates, produções de textos, para fomentar o pensar crítico dos/as estudantes junto aos professores de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais e Anos Finais, os docentes com complementos de carga horária podem fomentar "a viagem da volta" (Oliveira, 2004) sobre os conhecimentos indígenas Xukuru do Ororubá como trabalhadores na agroindústria e habitantes na área urbana da cidade de Pesqueira. Mas, para isso, existe a "necessidade de diretrizes para o trato" (Sampaio, 2009, p, 179) com as narrativas dos originários/as Xukuru do Ororubá por meio de formações docentes (Maciel; Chaguri, 2024, p. 10).

> Naquela época, nós já não tínhamos mais condições de viver integralmente na Serra do Ororubá. A situação começou a ficar cada vez mais difícil para o nosso povo indígena. Foi então que pensamos que, na cidade, seria mais fácil conseguir trabalho e garantir o nosso sustento. Assim, viemos para a cidade e, até hoje, vivemos entre o bairro e as aldeias, sem nunca abandonar nossas raízes nem romper nossos vínculos com o nosso território (Abdias Severo da Hora, indígena Xukuru do Ororubá, Bairro da Caixa d'Água)

Além do exposto, é fundamental para professores efetivos e contratados com Licenciatura em Letras e complementação de carga horária no Ensino de Artes, Ensino Religioso e o Ensino de Inglês a promoção de formações docentes (Maciel; Chaguri, 2024, p. 10), pois as formações constituem direitos dos estudantes em conhecer sobre os indígenas Xukuru do Ororubá na área urbana da cidade de Pesqueira e Poção/PE, no estado de Pernambuco, para.

> Colaborar e construir, com os sistemas de ensino, instituições, conselhos de educação, coordenações pedagógicas, gestores educacionais, professores e demais segmentos afins, políticas públicas e processos pedagógicos para a implementação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Criar e consolidar agendas propositivas junto aos diversos atores do Plano Nacional para disseminar as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, junto a gestores e técnicos, no âmbito federal e nas gestões educacionais estaduais e municipais, garantindo condições adequadas para seu pleno desenvolvimento como política de Estado (Brasil, 2015, p. 5).

Para tanto, são necessárias atividades pedagógicas interdisciplinares para docentes e discentes realizarem a "viagem da volta" (Oliveira, 2004) no conhecimento sobre a presença indígena Xukuru do Ororubá em Pesqueira e Pocão/PE, através de: 1- Reflexões sobre imagens em obras de artes indígenas para discussões com estudantes indígenas e não indígenas; 2 – Análise sobre quais indígenas Xukuru do Ororubá trabalham com pintura, fotografia, dança, teatro, músicas; 3 – Pesquisas sobre obras de artes, fotos, pinturas, música, dança dos indígenas Xukuru do Ororubá, de modo que a aprendizagem na Educação Básica oportunize "a viagem da volta" (Oliveira, 2004), conectando as discussões de professores e estudantes no tempo presente. A observação de fotografias como a Figura 1 no ensino e aprendizagem pode suscitar debates e compreensões de narrativas sobre os indígenas Xukuru do Ororubá em Pesqueira/PE.

Nesse contexto, é importante problematizar: 1 – Qual o significado do maracá na mão direita indígena com o punho elevado? 2 – Qual o significado da barretina na cabeça dos indígenas Xukuru do Ororubá? 3 – Qual o sentido da caminhada Xukuru do Ororubá no dia 20 de maio ocorrendo há mais de 25 anos? 4 – Quem são os pintores do grafismo Xukuru do Ororubá? 5 – Quais professores Xukuru do Ororubá ensinam Artes? 6 -Análises da cosmologia, dos "Torés" e "rituais" Xukuru do Ororubá; 5 – Pesquisas dos discentes sobre o léxico da língua Xukuru do Ororubá, ou seja, pesquisas sobre as expressões socioculturais indígenas de forma micro e macro (Revel, 1998).

Diante da imagem, os professores de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais e Anos Finais, com complementação de carga horária no componente curricular de Artes e outros componentes citados junto aos/as estudantes, poderão discutir e refletir de maneira coletiva: fotografias, obras de artes, músicas, o

Figura 1 – Caminhada pelas ruas de Pesqueira/PE



Fonte: Disponível em: https://marcozero.org/wp-content/uploads/2019/05/xukuru3.jpg.

"Toré" e os "Rituais" dançados no "Bairro Xucurus" após percorrer ruas, becos e esquinas em Pesqueira/PE. A apreciação da imagem poderá instigar o pensar crítico, como: 1 – Por que os indígenas Xukuru do Ororubá descem da Serra do Ororubá para o centro da cidade de Pesqueira e findam a caminhada no "Bairro Xucurus" fantasiados? 2 - Quais narrativas existem sobre a caminhada dos Xukuru do Ororubá? 3 – Historicamente, como iniciou a assembleia Xukuru do Ororubá há mais de duas décadas? 4 - Por que os Xukuru do Ororubá fazem um momento de silêncio em frente à residência dos pais do Cacique "Xikão" no Bairro "Xucurus" e dançam o Toré? 5 – A caminhada ocorre anualmente? 6 – O léxico da língua Xukuru do Ororubá está presente em faixas nas caminhadas? Essas e outras observações devem permear as discussões nas escolas públicas por meio da fotografia acima, como a quantidade de indígenas nas 31 aldeias (Mota; Silva e Domingos, 2026) no território indígena, sendo o Brasil condenado pela Corte Internamerica, em 2003, (Silva, 2017) por emperrar o (re)conhecimento das terras originárias Xukuru do Ororubá.

Na Figura 2, inúmeras são as possibilidades de atividades pedagógicas por docentes e discentes no Ensino de Artes. 1 – Qual o significado para o povo Xukuru do Ororubá de Mandaru? 2 – O que pensam os Xukuru do Ororubá ao contemplar a imagem de palha erguida com o nome escrito na base Mandaru nas assembleias anuais no território indígena? 3 – Do que é feito o maracá? 4 – Do que é feito o tacó? 9 – Como é elaborada a tinta para a pintura nos corpos dos indígenas Xukuru do Ororubá ? 10 - De que é feita a escultura de Mandaru? Essas e outras indagações poderão ser discutidas no Ensino de Artes, Ensino Religioso e no Ensino de Inglês, inspirando professores e estudantes a fazer "a viagem da volta" (Oliveira, 2004), por meio de leituras de textos no ensinar e aprender nos atravessando por meio das narrativas que são nossas, fazem parte de nossas histórias, do nosso povo, nossa ancestralidade carregadas de sentidos. Acrescentando que "nas idas e voltas" (Silva, 2018, p. 195) ninguém se perde, renascerá ao reviver as memórias do povo Xukuru do Ororubá.

É importante que docentes com Licenciatura em Letras efetivos e contratados nos Anos Iniciais e Anos Finais, com complementação de carga horária no Ensino de Artes, Ensino Religioso e no Ensino de Inglês, lotados na Secretaria de Educação anterior à promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Pedagogia, de 2006, que institucionalizou o curso responsável pela formação de professores para Educação Infantil e Anos Iniciais, realizem (Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006.) realizem "a viagem da volta" (Oliveira, 2004), ao (re)conhecer as narrativas sobre o Bairro "Xucurus" para tecer continuidades nas

Figura 2 – Xicão Xukuru é Mandaru



Fonte: os autores/as (2026).

futuras gerações, pois acreditamos ser "importante destacar que, no século XXI, os momentos serão de rupturas e de desenvolvimento de trabalhos pedagógicos na educação, que, pouco a pouco, transformarão as relações sociais" (Almeida, 2022, p. 124), e impactarão no ensino e aprendizagem durante o ano letivo sobre os indígenas Xukuru do Ororubá habitantes no citado Bairro "Xucurus" em Pesqueira e na cidade de Poção/PE.

Figura 3 – Pegi Xukuru do Ororubá na Aldeia Pedra d'Água, Pesqueira/PE



Fonte: os autores/as (2023).

Outra imagem carregada de significado para os Xukuru do Ororubá é o Pegi (Figura 3). Pois, realizar trabalhos pedagógicos com imagens dos Xukuru do Ororubá é garantir as futuras gerações as narrativas "orais" (Costa-Maciel, 2025) narradas pelos/as sábios/as no território indígena. Sobretudo, é necessário revisitar o passado histórico dos Xukuru do Ororubá e os também dos Xukuru de Cimbres, para observar o

cotidiano dos indígenas no passado e ver na contemporaneidade o quanto a construção social dos indígenas a partir das mobilizações por direitos, sobretudo a demarcação dos territórios reivindicados.

As discussões de estudantes com aprendizagens artísticas e estéticas poderão possibilitar aos discentes discussões sobre as narrativas do povo indígena Xukuru do Ororubá, habitantes no Bairro "Xucurus". Mas, isso somente será possível por meio de formações docentes em Pesqueira e Poção/PE para o conhecimento de si mesmo enquanto indígena Xukuru do Ororubá, a partir da Constituição Federal de 1988 como aborda o Art. 215 como outros, artigos estão presentes na Carta Magna.

A "viagem da volta" (Oliveira, 2004) com a promoção de formações docentes (Maciel; Chaguri, 2024, p. 10) sobre as narrativas históricas sobre o Bairro "Xucurus" constituirá, portanto, base para o pensar crítico sobre os indígenas como sujeitos socioculturais em Pesqueira e Poção/PE. Nesse sentido, a formação docente contribuirá para professores, estudantes e outros sujeitos na escola com postura crítica-reflexiva em constante (re)construção de conhecimentos a partir da Lei nº 11.645/2008 e o Parecer CNE 14/2015 no ensino e aprendizagem de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos na Educação. No entanto, desejamos aos docentes com formação em Letras e complementação de carga horária no Ensino de Artes, Ensino Religioso e do Ensino de Inglês viagens para desvelar alteridades, recriar identidades e descortinar pluralidades "nas idas e voltas" (Silva, 2018, p. 195) com decidas e subidas, ruas e vielas, curvas e avenidas, travessas e alamedas no Bairro "Xucurus" para ser vivenciado na Educação Básica em Pesqueira e Poção/PE.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha "viagem da volta" como mulher indígena Xukuru do Ororubá começou entre os 43 aos 49 anos, ao iniciar a trajetória como estudante especial no Mestrado e atualmente como doutoranda no PGH-UFRPE, nos caminhos e curvas na "viagem da volta" (Oliveira, 2004), destacando as experiências e transformações de minhas memórias ocorridas no Bairro nas aldeias de Brejinho, Cimbres e o Bairro "Xucurus", pois foi onde meus avós paternos, vindos da Serra do Ororubá, habitaram a partir dos anos de 1960 no Bairro "Xucurus".

Nas minhas memórias, recordo ver da janela da casa dos meus avós parentes consanguíneos e não consanguíneos Xukuru do Ororubá descerem e subirem as ladeiras para o trabalho na agroindústria na zona urbana na cidade. Considero os Xukuru do Ororubá ainda invisibilizado enquanto sujeitos históricos no século XXI, "e o protagonismo crescente revelado pela historiografia atual implica, a meu ver, analisar de forma conjunta questões que foram priorizadas neste artigo" (Almeida, 2017, p. 1), como a promoção de formação docente (Maciel; Chaguri, 2024, p. 10) para professores de Português com complementação de carga horária e em outras áreas das Ciências Humanas e Exatas.

Como professora e com experiências de participações em formações docentes no âmbito educacional, percebi cenários insatisfatórios de reflexão crítica sobre a presença indígena Xukuru do Ororubá em Pesqueira e Poção/PE. Nesse sentido, acreditando ser urgente a problematização sobre o Bairro "Xucurus" na Educação Básica, tendo em vista a promoção de formações para docentes lecionando Língua Portuguesa nos Anos Iniciais e Anos Finais com complementação de carga horária no Ensino de Artes, Ensino Religioso e Ensino de Inglês, acredito ser possível fazer "a viagem da volta" (Pacheco, 2004). Em outros termos, compreendemos ser necessário debates acerca de políticas públicas urgentes e atuais direcionadas à promoção de formações docentes no município e de maneira global, pois o (re)conhecimento da presença originária Xukuru do Ororubá ao sopé da Serra do Ororubá se configura com a aplicação da Lei nº 11.645/2008 e o Parecer CNE 14/2015 para serem vivenciados no ensinar e aprender na Educação Básica.

Portanto, o curso de doutorado significa para mim, originária do povo Xukuru do Ororubá, a "viagem da volta" (Oliveira, 2004) pelas memórias de uma ancestralidade e pertencimento àquele lugar (Silva, 2018, p. 83), com transformações internas e externas, vivenciadas e presenciadas na caminhada de familiares da Serra do Ororubá para o Bairro "Xucurus" em Pesqueira e Poção/PE. E sinto a necessidade de escrever sobre as narrativas do meu povo e da presença originária na cidade de Pesqueira e Poção/PE para oportunizar "a viagem da volta" (Oliveira, 2004) para professores de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais e Anos Finais.

Portanto, os meus caminhos nas pesquisas serão ladrilhados com narrativas sobre a presença dos indígenas Xukuru do Ororubá no Bairro "Xucurus" através de "uma perspectiva crítica [...] e das reconstruções do passado" (Oliveira, 2020, p. 8) dos "sujeitos históricos, antes invisibilizados possam ser trazidos para o debate" (Dantas, 2022, p.1) por meio de formações docentes em Pesqueira e Poção/PE a partir da Lei nº 11.645/2008 e o Parecer CNE 14/2015.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. V. S. **O Toré Xukuru do Ororubá**: interlocuções sonoro-musicais como opção descolonial. 2023. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

ALMEIDA, M. R. C.; MOREIRA, V. M. L. Os povos indígenas e a formação do Estado nacional brasileiro. *In:* MOREIRA, V. M. L. *et al.* (orgs.). **Povos indígenas, independência e muitas histórias:** repensando o Brasil no século XIX. Curitiba: CRV, 2022, p. 123–148.

ALMEIDA, M. R. C. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. **Revista Brasileira de História** (on-line), v. 37, n. 75, p. 17–38, 2017.

BRASIL. **Lei 11.645/08, de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 14/2015**. Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. Brasília: CNE, 2015.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988. 5 out. 1988. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 09 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 4 ago. 2026.

BEZERRA, E. C. M. **Os índios Xukuru e a Serra do Ororubá**: História, Natureza e o trabalho indígena no universo agroindustrial em Pesqueira/PE (1940-1960). 2020. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

CERTEAU, M. A operação historiográfica. *In:* **A escrita da história**. 2. ed. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CALADO, R. M. **Léxico da Língua Xukuru de Ororubá em Pesqueira – PE**: mapeando demandas e provendo formação docente. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, 2023.

Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP Nº 1, DE 15 de maio de 2006.

COSTA-MACIEL, D. A. G.; CHAGURI, J. P. (Org.). **Formação docente**: 10 anos de pesquisa no Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Pernambuco. Recife: EDUPE, 2024.

COSTA-MACIEL, D. A. G. Inventário de gêneros orais Nazaré da Mata, PE, 2025.

DANTAS, M. A. Uma História com o Outro: povos indígenas na historiografia brasileira. *In:* BARROS, J. D. (org.). **A historiografia como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. p. 329–360.

DEMO, P. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FLEURI, R. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. In: **Revista Educação & Sociedade**, v. 27, n. 95, p. 331-334, maio/ago., 2006. Disponível em: <www.cedes.unicamp.br.> Acesso em: 11 jun. 2010.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 2. ed. São Paulo: Olho d' Água, 1993.

FERREIRA, A. B. H. Aurélio Júnior dicionário escolar da Língua Portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

GALINDO, N. A. S. "Índio tem que ser artiloso e não artista": **ensino de arte nas escolas Xukuru do Ororubá**. Educação Contemporânea – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Recife, 2021.

GARCIA, A. D. V. **História e memórias sobre o bairro "Xucurus" em Pesqueira**: subsídios para o ensino de história do município. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

GATTI, B.; BARRETTO, E.; ANDRE, M.; ALMEIDA, P. **Professores do Brasil:** novos cenários de formação. Brasília: Unesco. 2019.

GIROUX, H. **Los profesores como intelectuales:** hacia una pedagogía crítica del aprendizaje. Barcelona: Paidós, 1997.

OLIVEIRA, J. P.; QUINTERO, P. Para uma antropologia histórica dos povos indígenas: reflexões críticas e perspectivas. **Horizontes Antropológicos**, v. 58, dez. 2020, p. 128-134.

OLIVEIRA, J. P. (org.). **A viagem da volta.** Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

MACIEL, D. A. G. **Os saberes docentes para o ensino da oralidade**: o que sabem os professores e como compreendem as atividades propostas pelos livros didáticos de língua portuguesa? Recife, 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2011.

MARX, K. **O 18º brumário de Luís Bonaparte.** Tradução e notas Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MELO, C. J. B. **O ritual sagrado:** a religião indígena do povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE). 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

OLIVEIRA, J. P. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

TROQUEZ, M. C. C.; SILVA, T.; MILITÃO, A. N. **Educação**: formação de professores e práticas educativas. Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2022.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SAMPAIO, P. M. Política indigenista no Brasil imperial. In: GRINBERG, K.; SALLES, R. (eds.). **O Brasil Imperial, volume I: 1808-1831**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 175–206.

SILVA, E. **Xukuru: memórias e História dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988.** 2. ed. Recife: UFPE, 2017.

THOMPSON, E. P. V. Tem a História uma Teoria? VII. Intervalo: a Lógica da História; XV. O termo ausente: experiência. In*:* **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 1 -3.

TROUILLOT, M. R. O poder na estória. In*:* **Silenciando o passado:** poder e a produção da História. Curitiba: Huya, 2016, p. 19-62.

Apêndice – Detalhes Editoriais

Histórico

Submetido: 14/02/2026
Aprovado: 28/10/2026
Publicado: 31/10/2026

Como citar esse artigo (ABNT)

CALADO, Rosani Maciel; SILVA, Edson Hely. A presença indígena em Pesqueira/PE. **Revista Poíesis Pedagógica**, Catalão/GO, v. 24, e2026008, 2026. https://doi.org/10.69532/2178-4442.v24.74954

Como citar esse artigo (APA)

Calado, R. M., & Silva, E. H. (2026). A presença indígena em Pesqueira/PE. *Revista Poíesis Pedagógica*, *v. 24*, e2026008. https://doi.org/10.69532/2178-4442.v24.74954

Financiamento

Não se Aplica.

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política de financeira referente a este artigo.

Contribuição dos Autores

Resumo/Abstract/Resumen: Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Introdução ou Considerações iniciais:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Referencial teórico:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Metodologia:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Análise de dados:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Discussão dos resultados:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Conclusão ou Considerações finais:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Referências:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Revisão do manuscrito:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva; **Aprovação da versão final publicada:** Rosani Maciel Calado, Edson Hely Silva.

CRediT – Taxonomia de Papéis de Colaborador – https://credit.niso.org/.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à **Revista Poíesis Pedagógica** os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho pu-blicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poíesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (***Open Access***) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (***Article Processing Charges – APCs***). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la — ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

Licença de Uso

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.

Verificação de Similaridade

Este artigo foi submetido a uma verificação de originalidade por meio do software **iThenticate** (Turnitin), utilizando o serviço **Similarity Check da Crossref**, com o objetivo de identificar possíveis sobreposições de texto e garantir a integridade acadêmica, a conformidade ética e a originalidade da publicação.

Processo de Avaliação

Este artigo foi submetido a um processo de Revisão por Pares Duplo-Cega (***Double blind peer review***), no qual tanto a identidade dos autores quanto a dos avaliadores permaneceu confidencial durante todas as etapas da avaliação, assegurando imparcialidade, rigor científico e integridade editorial.

Avaliadores

Dois pareceristas *ad hoc* avaliaram este artigo e não autorizaram a divulgação dos seus nomes.

Editores

Profa. Dra. Cláudia Tavares do Amaral – Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Catalão, Goiás, Brasil.

Fomento

O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás

Publisher

Este artigo foi Publicado na **Revista Poíesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão - UFCAT**. A Revista Poíesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educa-cional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editoral ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2021-2024)** a Revista Poíesis Pedagógica obteve **Qualis B1**.